

3. METODOLOGIA

3.1. Caracterização da Investigação

“Os factos sociais não são «coisas» e a sociedade não é um organismo natural, mas sim um artefacto humano”

(Léssard-Hèbet, Goyette & Boutin, 1994, p. 48)

A investigação produzida é de índole qualitativa e quantitativa. Tal como defende Grubits e Noriega (2004), torna-se estimulante a realização de projectos de investigação que fomentem a complementaridade de métodos científicos distintos.

Este pensamento é corroborado por Turato (2004), no entanto, o autor sublinha que, apesar de designarmos constantemente e indiscriminadamente de método “misto”, cada um deles deverá propor-se a resolver questões distintas, mesmo que levantadas sobre o mesmo objecto.

O mesmo autor, remete os investigadores para algumas questões preliminares à elaboração e execução de um projecto científico, como sendo , se os métodos qualitativo e quantitativo podem ser utilizados no mesmo projecto de investigação. O autor questiona os investigadores relativamente à conduta adoptada na recolha dos dados influi nos relatos e comportamentos dos sujeitos em estudo. Uma outra preocupação apresentada pelo autor, refere-se à importância dos dois métodos de investigação, ao facto de se poder, ou não, afirmar que um prevalece em relação ao outro, acrescentado se os mesmos se poderão contradizer, ou por sua vez, complementarem-se.

Como visto anteriormente, o autor defende a complementaridade dos métodos, contudo, elabora a ressalva de que o acto de investigar, o projecto de investigação, os objectivos, os propósitos a que os investigadores se submetem deverão ser algo delineado conscienciosamente e focar numa lógica reflectida. A utilização dos distintos métodos deverá ser realizado de modo adequado e adaptado ao fenómeno que se pretende estudar, não podendo assim afirmar que um se torna primordial em função de outro. Só

poderemos partir para esta categorização se nos predispusermos a uma análise global e detalhada da investigação, para definir qual dos dois é o mais adequado para o objecto que pretendemos estudar.

A investigação qualitativa refere-se a uma diversidade de técnicas que possibilitam a descrição, a descodificação e tradução de fenómenos sociais, onde impera o objectivo de encontrar a lógica desses mesmos fenómenos (Guerra, 2006).

Grubits e Darrault-Harris (2004), realçam que a investigação qualitativa é caracterizada como sendo uma investigação etnográfica, de onde provém o conceito de etnometodologia, termos os quais, por vezes são usados de modo indiscriminado para se referirem ao mesmo processo.

Na presente investigação, a etnometodologia utilizada visou ir além da mera interpretação de dados imediatos, pretendeu clarificar acções, comportamentos e pensamentos de determinados sujeitos num dado contexto específico, aproximando-nos assim da verdadeira essência dos fenómenos desportivos na construção e formação de jovens talentos no futebol. Assim, de acordo com esta ordem de ideias, parece-nos fundamental esta aproximação do investigador ao contexto real de desenvolvimento dos acontecimentos. Contudo, esta aproximação parece carecer de um sistema de validação (Boavida e Amado, 2008).

Quando abordamos qualitativamente uma investigação, levantam-se os problemas de uma validação congruente entre o meio científico. A validação em investigação qualitativa, não será tão linear como a aplicação dos instrumentos e / ou técnicas a um “n” considerável de sujeitos, validam-se através de técnicas estatísticas. Para os autores Boavida e Amado (2008), a validação dos procedimentos de índole qualitativa deverão privilegiar uma credibilidade descritiva (deverá garantir a fidelidade das descrições apresentadas pelos sujeitos), interpretativa (aquando da interpretação dos dados, ela deverá captar fielmente a perspectiva dos sujeitos) e teórica (o tratamento dos dados, e um possível arquitectar de uma teoria, deverá retratar fielmente os relatos dos sujeitos).

Por sua vez, o estudo empírico (metodologia quantitativa) apresentado nesta investigação, permitiu-nos observar estatisticamente e hipoteticamente os objectivos delineados para a nossa amostra de jovens jogadores. Segundo Boavida e Amado

(2008), este tipo de estudo faculta a existência de uma função heurística a qual permite ao investigador questionar fenómenos reais, formulando hipóteses operacionais, seleccionando métodos adequados ao objecto e aos objectivos do problema em estudo.

Assim pretendemos averiguar se as hipóteses colocadas se confirmam ou infirmam, tendo como base de execução a aplicação de questionários, com o objectivo de entender se as respostas obtidas se enquadram num número de categorias determinadas previamente, devidamente estruturadas e standardizadas.

3.2. Caracterização da Amostra

3.2.1. Participantes

A amostra de jogadores presente nesta investigação é uma amostra de conveniência (Almeida & Freire, 2004) constituída por jovens atletas praticantes de futebol, subdivididos em dois grupos: elite e não – elite. Ambos os grupos apresentam jogadores em dois escalões competitivos: iniciados (Sub-14 e Sub-15) e juvenis (Sub-16 e Sub17) de um clube de futebol da 1ª Divisão Nacional, no caso do grupo de elite, e na Divisão Distrital, no grupo não – elite. Os dois grupos perfazem um total de 177 jogadores, dos quais 92 pertencem ao grupo de elite (52%) e 85 pertencem ao grupo não-elite (48%), com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos (com média de 14,95 e com desvio-padrão de 1,00).

3.2.2. Universo de Análise

Segundo Pereira e Leitão (2007), quando recorremos a uma investigação de índole qualitativo, o uso do termo *amostra* para nos referirmos aos sujeitos em estudo, não será aconselhável. Os autores recomendam a utilização do conceito de universo de análise.

De acordo com os autores, o nosso universo de análise é constituído por 8 treinadores do sexo masculino, distribuídos por dois grupos, elite e não-elite. O grupo de elite é constituído por 4 treinadores (50%) com idades compreendidas entre os 28 e os 40 anos (média = 33, 25 e com desvio padrão = 5,37). O grupo não elite é igualmente

constituído por 4 treinadores (50%), com idades compreendidas entre os 26 e os 40 anos (média = 32 e com desvio-padrão = 5,88).

3.2.3. Critérios de Selecção da Amostra

Para seleccionar a nossa amostra em estudo, recorremos a critérios diferenciados. Os entrevistados, no caso dos Treinadores, deveriam ter como habilitações literárias uma licenciatura (ou grau superior) em Desporto e Educação Física ou Treino Desportivo. A sua prática enquanto treinadores deveria contemplar no mínimo 5 anos, devendo estar a exercer funções na formação e / ou competição profissional em clubes da 1ª Liga do Futebol Português, para o grupo considerado de elite. Estes critérios ao serem construídos pelo grupo de investigadores, visaram o alcance, tanto quanto possível, de prestígio profissional, assumindo-os como elementos de sucesso no comando de equipas de formação no futebol de (Gomes, 2005). Os restantes treinadores, do grupo considerado não-elite, não foram estabelecidos critérios ao nível da sua formação académica, no entanto deveriam igualmente perfazer 5 anos de prática, enquanto treinador na formação e / ou competição profissional, contudo em clubes da Divisão Distrital e / ou Divisão Nacional.

Os grupos de jogadores elite e não elite, foram assim designados, pelo tipo de campeonato que disputam, nacional ou distrital, nos últimos 3 campeonatos (Cruz, 1994).

3.3. Caracterização dos Instrumentos

Para o levantamento de informação pretendida com vista á elaboração deste estudo, foram utilizados como instrumentos um Questionário Demográfico (Cruz & Viana, 1996) e o Inventário de Competências Psicológicas no Desporto (ICPD) (Cruz, 1994). Estes dois foram aplicados junto dos jovens praticantes da modalidade de futebol. Foram ainda construídos dois guiões de entrevista (Dosil, 2002; Serpa 1990) para obtenção de informação junto dos diferentes treinadores e psicólogos.

3.3.1. Questionário Demográfico

Com o objectivo de recolher informação sócio-demográfica dos jogadores participantes no estudo, foi utilizado um questionário demográfico (Cruz e Viana, 1996) o qual foi desenvolvido no âmbito de um “Programa de Investigação e Intervenção Psicológica na Alta Competição” (PIIPAC). O Questionário Demográfico visa a obtenção de dados, como por exemplo, idade do jogador, habilitações literárias, escalão, posição em campo, idade de início da prática da modalidade desportiva, anos de prática federada da modalidade, horas de treino semanais, número de jogos nacionais e número de internacionalizações (Ver Anexo 4).

3.3.2. Inventário de Competências Psicológicas no Desporto (ICPD), “*Psychological Skills Inventory for Sport*”

De acordo com as hipóteses e objectivos deste estudo, seleccionamos o *Inventário de Competências Psicológicas no Desporto* (ICPD) como instrumento a utilizar na recolha de dados junto dos jogadores. Tal como referem os autores, Cruz e Viana (1996), o ICPD merece especial destaque não unicamente pela sua validade e utilidade nos contextos desportivos, mas também pelo facto de se tratar de um instrumento de avaliação psicológica de maior utilização nas investigações da área estudada.

O Inventário de Competências Psicológicas no Desporto (Cruz, 1994) é uma versão traduzida e adaptada para a população portuguesa, da versão original *Psychological Skills Inventory for Sport – PSIS* (Form R – 5) de Mahoney, 1987.

Este inventário tem como principal objectivo a avaliação de competências psicológicas dos jogadores em contexto desportivo. O ICPD é composto por 45 itens distribuídos pelas seguintes dimensões: Autoconfiança, Concentração, Controle de Ansiedade, Ênfase na Equipa, Motivação e Preparação Mental.

Todos os itens presentes no inventário constituem afirmações sobre vários aspectos e factores psicológicos relacionados com o rendimento desportivo, os quais são cotados numa escala de tipo Likert de 5 pontos (1 = discordo completamente, 2= discordo, 3 =

nem discordo nem concordo, 4 = concordo, 5 = concordo completamente). Para obtenção dos valores brutos de cada dimensão, realiza-se o somatório dos valores obtidos dos itens correspondentes. No tratamento dos dados teremos de ter em conta que alguns itens são de cotação inversa (1 = 5, 2 = 4 e vice-versa). Os valores obtidos em cada dimensão serão transformados em valores percentílicos (0% - 100%) permitindo analisar os níveis respectivos de competência de cada jogador. Para todas as dimensões avaliadas, os resultados elevados correspondem a maiores níveis de uma dada competência psicológica. Para a investigação presente, os totais apresentados para cada competência fazem referência à média dos itens correspondentes dessa mesma dimensão.

3.3.3. Guiões de Entrevista

A nossa fonte privilegiada para a recolha de dados junto dos treinadores foi a entrevista semi-estruturada ou semi-directiva. São o tipo de entrevista mais usado na investigação qualitativa, onde os pontos de vista dos entrevistados são mais facilmente expressos comparativamente com os restantes tipos de entrevista (Pereira e Leitão, 2007).

Neste processo de troca de informação, os sujeitos contêm um conjunto de expectativas, experiências, motivações e conhecimentos (Serpa, 1990), os quais poderão ser extremamente ricos para o desenvolvimento da investigação, e consequentemente para os resultados obtidos.

Este tipo de instrumento permite que o nosso entrevistado siga uma ordem lógica de questões e objectivos delineados anteriormente (Dasil, 2002), contudo, com o decorrer da entrevista a ordem sequencial de questões poderá sofrer algumas alterações, assim como surgirem novas questões por parte do entrevistador de modo a explorar ou clarificar as descrições dos entrevistados.

Para a natureza desta investigação, as perspectivas recolhidas dos diferentes técnicos, permitiu-nos um melhor conhecimento dos fenómenos em estudo, uma vez que a simples quantificação de diferentes variáveis poderia ser insuficiente ou até mesmo superficial na estruturação de directrizes explicativas de dado fenómeno.

A elaboração do guião de entrevista baseou-se nos objectivos estabelecidos previamente (categorias definidas à priori; Pereira e Leitão, 2007) pelo grupo de investigadores, assim como nos tópicos pertinentes apresentados na revisão da literatura, de modo a que a informação recolhida dos técnicos pudesse complementar, clarificar ou até mesmo questionar os conceitos abordados. Na formulação de questões, tivemos especial cuidado em cumprir sempre as directrizes recomendadas pelos especialistas nesta área (Foddy, 1996), nomeadamente a não inclusão de questões com duplo sentido de interpretação, ou até mesmo questões do âmbito íntimo dos entrevistados.

Para minorar erros metodológicos e estruturais do guião utilizado nesta investigação, a sua construção foi adaptada do estudo de Gomes (2007), a quando da elaboração de um guião de entrevista para treinadores.

Contudo, para assegurar fiabilidade do instrumento e minorar erros de interpretação das questões foram realizadas duas entrevistas piloto a dois estudantes universitários, um estudante na área de treino desportivo e outro na área de educação física. Após esta aplicação algumas questões careceram de alteração e pormenorização do assunto a ser questionado, como exemplo ilustrativo a questão número um, *“Como caracteriza a modalidade de futebol actualmente?”* (ver Anexo 5 – 1ª versão), percebemos claramente que as respostas eram muito vagas, tal como a questão, e possibilitavam uma imensidão e variabilidade de respostas. Assim sendo, rectificamos para *“Quando recorreremos á bibliografia na tentativa de explicar o fenómeno futebolístico, verificamos que alguns autores apontam o futebol como um sistema complexificado . No entanto existe uma versão simplificada, com 22 jogadores, treinadores, árbitros e uma bola. Na sua opinião como poderemos e deveremos encarar o fenómeno futebolístico?”*(ver Anexo 5 – 2ª versão).

Todas as rectificações e reestruturações foram atentamente acompanhadas por especialistas na área de psicologia.

3.3.3.1. Definição de Categorias da Análise de Conteúdo dos relatos dos Treinadores para ambos os grupos, elite e não-elite

Para que a recolha e tratamento dos dados fosse realizado de modo estruturado e consciente do objecto em estudo, foram definidas categorias globais de análise de conteúdo, delineadas pelos investigadores responsáveis pela investigação, e por dois especialistas na área da psicologia e um na área desportiva (Futebol). Para tal, chegou-se a um consenso de estruturação e agrupamento das seguintes categorias:

Categoria 1: *Fenómeno futebolístico*, visa a recolha das perspectivas dos técnicos em relação à modalidade de futebol, como encaram este processo.

Categoria 2: *Papel do Treinador na formação dos jogadores*, pretendemos verificar que importância atribuem os técnicos relativamente ao seu papel na formação de jovens jogadores os quais poderão ser potenciais jogadores de elite; verificar se enunciam funções ou características específicas da sua acção para com os jogadores.

Categoria 3: *O papel dos pais na formação desportiva*, ambicionamos verificar qual a importância ou responsabilidades apontam os técnicos para com os pais dos jogadores; pretendemos verificar se adoptam um postura (inter)relacional com os pais.

Categoria 4: *Definição do conceito de Talento*, visa perceber qual o enquadramento e características que os técnicos delineiam quando falamos em jogadores talento no futebol;

Categoria 5: *Prática deliberada e / ou genética*, pretendemos verificar a que componente os técnicos atribuem a origem das capacidades talentosas nos jogadores.

Categoria 6: *Idade aconselhável de início da prática desportiva*, pretendemos perceber que referencial têm os técnicos em relação à idade de início da prática desportiva dos jogadores; pretendemos verificar se consideram vantajoso o início precoce da modalidade desportiva no alcance de performances de excelência.

Categoria 7: *Competências Psicológicas dos Jogadores de Elite*, pretendemos verificar que competências e / ou características psíquicas atribuem os treinadores aos jogadores de elite, perceber como os diferenciam dos restantes.

Categoria 8: *Competências Psicológicas na Selecção e Promoção de Talentos*, pretendemos aferir se os treinadores quando observam jogadores em outras equipas, se consideram competências do foro psíquico, mental, emocional e cognitivo.

Todas estas categorias foram definidas consoantes os objectivos propostos para este estudo. Posteriormente serão analisadas por escalão etário (dos Sub 14 aos Sub 17), comparando as opiniões dos treinadores respectivos dos dois grupos, elite e não-elite.

3.4. Procedimentos de recolha de dados

Ao nível desta investigação, os procedimentos a ter em conta na recolha de dados foram subdivididos em procedimentos prévios à recolha de dados, os quais fazem referência a pedidos de autorização, e procedimentos de ordem metodológica, os quais fazem referência aos pormenores considerados no acto da recolha dos dados pretendidos.

3.4.1. Procedimentos prévios à recolha de dados

Antes de iniciarmos a recolha propriamente dita, seleccionamos possíveis grupos “candidatos” para a participação na investigação (aqueles grupos que cumpriam os critérios de selecção de amostras delineados previamente). Após esta listagem, seleccionamos dois grupos que se revelaram “convenientes” (Almeida & Freire, 2004) aos investigadores. Após esta selecção, procedeu-se ao contacto via e-mail (Ver Anexo 1) e telefónico com os responsáveis do departamento de formação dos dois clubes. Após a sua autorização, houve em ambos os casos, grupo de elite e não-elite, uma reunião com os respectivos coordenadores para que fosse possível a apresentação de quais os procedimentos e objectivos a ter em conta na investigação, proporcionando também um momento para um possível esclarecimento de duvidas de ambas as partes. Nesta mesma reunião, foram solicitados os meios logísticos necessários, assim como foram delineados dias específicos para a recolha dos dados, tentando minimizar a alteração das rotinas dos diferentes escalões etários.

3.4.2. Procedimentos metodológicos de recolha de dados

Relativamente à recolha de dados junto dos jogadores, estes responderam individualmente ao Inventário de Competências Psicológicas no Desporto (ICPD) e ao questionário demográfico, em contexto de grupo, subdivididos de acordo com o escalão de formação desportiva. Este procedimento verificou-se nos dois grupos em estudo, elite e não-elite. Antes de iniciarem o preenchimento dos instrumentos, foram

apresentadas algumas instruções as quais tiveram como objectivos, em primeiro lugar apelar à leitura na íntegra de todos os itens apresentados, em segundo lugar, minimizar os efeitos de desejabilidade social nas respostas dadas, e por último, reforçar a ideia de que “não existem respostas certas nem erradas”, apenas se pretendia que efectuassem o preenchimento do inventário de acordo com a sua experiência desportiva.

É de extrema importância realçar que todos os escalões dos dois grupos distintos, responderam aos instrumentos no mesmo período competitivo, para que se salvaguarde o mesmo tempo de experiência na modalidade. A aplicação dos instrumentos foi realizada pelo grupo de investigadores presentes neste estudo, onde nenhum treinador ou qualquer elemento das equipas técnicas esteve presente.

Em ambos os grupos, elite e não-elite, as instalações oferecidas pelas entidades para que se procedesse à recolha de dados, reuniam as condições ideais, as quais proporcionaram bastante conforto aos jogadores.

No caso dos Treinadores, a recolha de dados foi realizada individualmente em registo audiovisual. Esta selecção do formato para a recolha de dados, deveu-se à notável facilidade de tratamento de dados em suporte informático (carregamento de ficheiros). Para assegurar a confidencialidade e o anonimato dos entrevistados, foi elaborada uma Declaração de Protecção de Dados (ver Anexo 2), autenticada pelo investigador, e assinada pelo entrevistado (disponibilização de uma cópia da declaração para cada entrevistado). Para além da criação de uma declaração de protecção de dados, foram ainda atribuídos nomes-código a cada um dos entrevistados, passando à sua descrição:

Grupo Elite:

TF1 – Treinador de Futebol 1, Treinador do escalão Sub 14

TF2 – Treinador de Futebol 2, Treinador do escalão Sub 15

TF3 – Treinador de Futebol 3, Treinador do escalão Sub 16

TF4 – Treinador de Futebol 4, Treinador do escalão Sub 17

Grupo Não-elite:

TF5 – Treinador de Futebol 5, Treinador do escalão Sub 17

TF6 – Treinador de Futebol 6, Treinador do escalão Sub 16

TF7 – Treinador de Futebol 7, Treinador do escalão Sub 15

TF8 – Treinador de Futebol 8, Treinador do escalão Sub 14

A entrevista adoptou três fases distintas, uma fase de iniciação, onde foram apresentados os objectivos da investigação e se procedeu ao preenchimento da declaração de protecção de dados, assim como, procederam ao preenchimento dos dados demográficos do entrevistado (ver Anexo 3). A segunda fase, a de desenvolvimento, teve como objectivo a aplicação do guião definido e construído anteriormente. Esta segunda fase subdividiu-se em 3 partes (ver Anexo 5), a primeira parte centrada no objectivo de debater questões relacionadas com a modalidade desportiva, o Futebol, a segunda parte centrou-se em questões relacionadas com a formação desportiva dos jogadores, e por último, a terceira parte fez referência à discussão centrada na temática da excelência desportiva. Na fase de termino da entrevistas, criou-se oportunidades para complementar e / ou reformular algumas ideias apresentadas ao longo da conversa. Durante o processo de recolha a investigadora optou por uma postura isenta, não-avaliativa, não-critica, apenas assumiu a postura exploratória para com os diversos fenómenos em análise.

O guião de entrevista foi delineado para aproximadamente 1 hora de conversa entre entrevistador e entrevistado. Contudo, esta delineação nunca é estanque, uma vez que existem distintos factores que poderão condicionar o tempo de realização da entrevista, tais como, o velocidade de discurso, a capacidade de processar e reproduzir informação para os campos que lhe estão a ser solicitados, a capacidade de síntese face às temáticas, interrupções inesperadas, entre outros. Verificamos que houve alguma variabilidade quanto ao tempo de realização da entrevista, sendo o tempo mínimo de 50 minutos, e o máximo de 1 hora e 55 minutos.

Após a recolha, procedeu-se à transcrição na íntegra (fielmente) de todo o conteúdo da entrevista de cada entrevistado, evitando a existência de longos períodos entre estes dois momentos, a recolha e o tratamento.

Posteriormente, realizou-se a devolução dessa transcrição aos entrevistados para que pudessem, se fosse o caso, complementar algumas ideias que tivessem ficado incompletas, assim como, permitir a codificação de informação que achassem conveniente, tal como nomes de pessoas, clubes, ou situações que pudessem identificar, de alguma forma, sujeitos ou situações. Os entrevistados devolveram o seu parecer e qual foi mais uma vez analisado, reestruturando algumas questões da transcrição inicial.